

Capítulo 4 – Cultivando alimentos e nutrindo saberes: experiências de ensino-aprendizagem na comunidade da restinga

Amália Leonel Nascimento
Jeidi Yasmin Galeano Cobos
Milena Silvester Quadros

Claudia Zuluaga Salazar
Marielen Priscila Kaufmann
Alberto Bracagioli Neto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NASCIMENTO, A. L., SALAZAR, C. Z., COBOS, J. Y. G., KAUFMANN, M. P., QUADROS, M. S., and NETO, A. B. Cultivando alimentos e nutrindo saberes: experiências de ensino-aprendizagem na comunidade da restinga. In: CARVALHO, M. C. V. S., CAMPOS, F. M., and KRAEMER, F. B., eds. *Tecnologias sociais e de comunicação como recursos educacionais em alimentação* [online]. Salvador: EDUFBA, 2020, pp. 111-131. ISBN: 978-65-5630-198-3. <http://doi.org/10.7476/9786556301983.0006>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CULTIVANDO ALIMENTOS E NUTRINDO SABERES: EXPERIÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA COMUNIDADE DA RESTINGA¹

AMÁLIA LEONEL NASCIMENTO
CLAUDIA ZULUAGA SALAZAR
JEIDI YASMIN GALEANO COBOS
MARIELEN PRISCILA KAUFMANN
MILENA SILVESTER QUADROS
ALBERTO BRACAGIOLI NETO

INTRODUÇÃO

Neste capítulo relata-se a experiência de ensino e aprendizagem vivenciada durante 2017, no encontro entre a UFRGS e a comunidade da Restinga em Porto Alegre. Mediado pela Agroecologia e a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), o encontro teve lugar na prática em docência de um grupo de pós-graduandas do PGDR/UFRGS, no curso Técnico em Agroecologia do IFRS *Campus* Restinga, concebido no âmbito do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja). A descrição dessa experiência gira em torno de duas disciplinas: Introdução à Agroecologia em Territórios Rurais e Urbanos; e Vivências e Práticas Agroecológicas. De um lado, a experiência descreve o contexto da participação das

1 Este trabalho fez parte do Projeto de Reflexão e Planejamento da Docência e Prática de Ensino Integrada à Extensão entre o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS) e o *Campus* Restinga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

doutorandas como docentes, que veio suprir a falta de professores especialistas em Agroecologia no IFRS, assim como a necessidade de buscar espaços de prática em docência aos pós-graduandos do PGDR. Ambos, permitiram não só o fortalecimento da articulação entre instituições estaduais e federais, mas também locais, com o envolvimento dos discentes do curso em projetos escolares da comunidade, criação da feira ecológica no instituto, e a permanente troca de saberes com a sociedade rural dos bairros vizinhos da Restinga. Por outro, destaca o protagonismo da comunidade escolar no caminho da construção da agroecologia como ciência, movimento e prática, com forte identidade comunitária na produção e consumo de alimentos nutritivos e saudáveis, e busca por autonomia na garantia da SAN da Zona Sul e Extremo Sul de Porto Alegre.

A experiência está estruturada em sete partes, as quais apresentam e descrevem os atos e fatos que permitiram o seu desenvolvimento. A primeira corresponde à presente introdução. A segunda, contextualiza a construção do curso Técnico em Agroecologia, destacando-o como uma conquista comunitária da Restinga. A terceira, descreve o encontro entre a UFRGS e a Restinga, mediado pela agroecologia e a SAN. A quarta, faz um percurso pelas metodologias participativas e ferramentas pedagógicas que conduziram o engajamento, motivação, autonomia e estímulo à reflexão crítica no aprendizado. A quinta, descreve especificamente o desenvolvimento do módulo em Segurança Alimentar e Nutricional e os vínculos com a Agroecologia no contexto da Restinga. A sexta parte, reflete em torno da potencialidade do movimento agroecológico gestado no curso, que ultrapassou os muros institucionais, apesar dos acontecimentos políticos no Brasil, causantes de retrocessos e fragilização das conquistas da sociedade civil e a democratização dos espaços públicos na busca pela autonomia e a SAN. Por fim, na sétima parte, aborda-se as considerações finais do trabalho.

DO SONHO À SALA DE AULA: CONSTRUÇÃO DO CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA COM A COMUNIDADE DA RESTINGA

O *Campus* Restinga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) está estabelecido no extremo-sul da cidade

de Porto Alegre, no bairro Restinga. É um dos 17 *campi* do IFRS e se caracteriza pelo papel preponderante da comunidade na sua criação, com a participação ativa de uma comissão comunitária na sua implantação desde o ano de 2006. A valorização do diálogo com a comunidade foi fundamental para o início das atividades de implantação do *campus*. Parte dessa conversação resultou na realização de seminários e de audiências públicas para a definição de cursos a serem oferecidos pela instituição desde sua fundação. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2019)

Através desse espaço de construção coletiva, também se formou o Curso Técnico em Agroecologia do IFRS *campus* Restinga, no segundo semestre de 2017, cujo registro no Projeto Político Pedagógico descreve a trajetória singular de criação deste curso, desde a submissão da proposta até a elaboração da grade curricular, metodologia, princípios filosóficos, organização didática, objetivos e perfil profissional dos alunos egressos, de forma coletiva e de modo colaborativo, com horário noturno, seleção por demanda social e modalidade Proeja. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2017)

O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) foi criado inicialmente através do Decreto nº 5.478 de junho de 2015 do Ministério da Educação. O decreto resultou de debates entre sociedade civil e decisão governamental de atender à demanda de jovens e adultos pela oferta de educação profissional técnica de nível médio, da qual em geral são excluídos, bem como, em muitas situações, do próprio ensino médio. O programa teve inicialmente como base de ação a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Em 2006, foi ampliado em termos de abrangência e aprofundado em seus princípios pedagógicos, num processo de tentativa de democratização do ensino. (SILVA, 2018; BRASIL, 2012a) Entretanto, os acontecimentos políticos no Brasil após o golpe presidencial de 2016² trouxeram inúmeras dúvidas e inquietações

2 O processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff foi iniciado com a aceitação da denúncia por crime de responsabilidade, realizada em 02/12/15, por Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal, em virtude da abertura de créditos suplementares por decreto presidencial sem a autorização do Congresso Nacional e da contratação ilegal de operações

em relação ao futuro do Proeja no âmbito dos Institutos Federais. (SILVA, 2018) E o atual cenário de desesperanças e retrocessos em nosso país põe em risco o direito de jovens e adultos ao acesso e à permanência nos Institutos Federais, bem como a autonomia de gestão desses espaços públicos de ensino e propostas curriculares. Os cortes drásticos no orçamento da educação pública inviabilizam o funcionamento e manutenção dos Institutos Federais, resultam no imediato cancelamento de ações básicas programadas e impedem, inclusive, que a oferta de vagas públicas seja ampliada, contrariando a Meta 11 do Plano Nacional de Educação, que estabelece que as matrículas de Educação Profissional Técnica devem ser triplicadas até 2024. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2019)

Na multiplicidade de saberes complexos que circulam pelo bairro, a Restinga apresenta um cenário histórico de práticas de racismo, preconceito e exclusão social, com índices elevados de pobreza e violência. Entretanto, a luta política constitui-se repertório das ações dos moradores desse bairro. Através da atuação criativa e estratégica das lideranças comunitárias do bairro, esta sede do IFRS em Porto Alegre foi instalada na Restinga. É importante frisar que a mesma Zona Sul de Porto Alegre também constitui o local de diferentes ocupações por grupos indígenas, ancestrais à chegada dos colonizadores ao Rio Grande do Sul. Também é lugar de embates políticos quanto à demarcação dos espaços rurais da cidade, alvo de especulação imobiliária, e região periférica nos investimentos sociais e técnico-científicos. A histórica formação do bairro Restinga em Porto Alegre se deu pela exclusão, pois sua gênese é em um programa governamental de remoção de comunidades do centro para fora dos limites da área urbana - eufemisticamente nomeado "Remover para Promover". (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2017; NUNES, 1990)

de crédito, as chamadas "pedaladas fiscais". O *impeachment* acabou aprovado na Câmara dos Deputados em 17/04/16 e no Senado Federal, em 11/05/16. O Senado votou definitivamente pela cassação de Rousseff em 31/08/16, substituindo-a por Temer e marcando o encerramento do ciclo de quase catorze anos de governos PT. O *impeachment* presidencial é identificado como a estratégia de reorganização e de ascensão ao poder da "direita moderada" no país. (SANTOS; TANSCHKEIT, 2019)

O curso Técnico em Agroecologia do IFRS *Campus* Restinga foi desenhado na confluência de cenários periféricos, de segregação urbana, elevada densidade populacional, carência de estruturas de atenção à saúde e situação de vulnerabilidade e risco social, assim como, em um olhar mais complexo, concomitantemente, a comunidade da Restinga é pioneira na criação de redes de proteção social, reivindicação de equipamentos públicos de saúde, transporte, justiça e bastante atuante no programa do Orçamento Participativo (criado pela administração popular na prefeitura municipal de Porto Alegre no início dos anos 1990). (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2017; OBSERVAPOA, 2019) Aqui um trecho desse processo embrionário registrado no PPC do Curso Técnico em Agroecologia do IFRS *Campus* Restinga:

[...] Em uma roda de conversa, dentro de uma sala de aula, uma das lideranças do bairro ali presentes sugeriu: - Façamos um curso de Agroecologia, pois a vida começa pelo alimento! [...] Durante os encontros que ocorreram semanalmente, algumas lideranças comunitárias da Restinga sugeriram que um dos focos do curso deveria estar na formação de multiplicadores (Educadores Populares) que pudessem atuar junto às famílias, estimulando o cultivo em hortas domiciliares ou associativas (em escolas, entidades comunitárias, organizações de moradores, ocupações, entre outros), cujos espaços pudessem servir para as aulas práticas. Priorizar as hortas comunitárias traduz uma necessidade e uma exigência de que a Agroecologia atue para a Segurança Alimentar e Nutricional de famílias em situação de risco social. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2017, p. 11-12)

Da interação com coletivos e instituições, em especial com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) e com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), construiu-se uma rede de colaboração interinstitucional para suprir as necessidades e as carências de profissionais técnicos na área, bem como do uso de laboratórios e espaços didáticos dos quais o *campus* não dispunha. Através de acordos de cooperação e de convênios, criou-se a possibilidade de profissionais de

outras instituições realizarem a docência no *Campus Restinga*, assim como estudantes de pós-graduação fazerem seus estágios docentes nas turmas do curso de Agroecologia. A experiência de proposição do curso técnico de Agroecologia, vivenciada ao longo do ano de 2016, expôs as potencialidades da comunidade residente no bairro da Restinga, bem como as dificuldades institucionais em traduzir os princípios que regem a ética agroecológica no que diz respeito à participação coletiva que envolve múltiplos campos (políticos, culturais, econômicos, sociais). “[...] Observou-se a materialização dos conflitos históricos que imperam sobre saberes populares e conhecimento técnico-científico, e a maneira como diferentes visões de mundo, vida e sociedade se colocam na formação da agenda das instituições – no caso, o Instituto Federal”. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2017, p. 16)

Para as autoras Quadros e demais autores (2017, p. 2-3), que participaram do processo de implantação do curso técnico de Agroecologia:

Tal processo foi marcado por conflitos institucionais, superados através da intensa mobilização da população residente no território, cuja urbanização foi marcada por ações estatais de gentrificação. Experiências dolorosas de luta pela própria sobrevivência terminaram por serem ressignificadas através do desenvolvimento de estratégias de articulação e resistência por parte desta população, que conta com parcerias institucionais para a projeção de sonhos e desejos de futuro para a própria comunidade, ao mesmo tempo em que extraem das lembranças do passado a fonte de sua percepção. Neste sentido, o curso de Agroecologia se apresenta como mobilizador e potencializador deste movimento de transformação em defesa da vida, da diversidade e do pertencimento a terra e suas comunidades. [...] No entanto, ao mesmo tempo em que uma força se encadeava no que parecia constituir uma trama popular, uma contra força institucional, traduzida pela insegurança em assumir riscos numa escola cujo foco encontra-se nas áreas tecnológicas mais duras (tais como eletrônica e informática), produzia obstáculos para a realização deste projeto, mediante o qual transtornos e problemas poderiam ocasionar à instituição e, consequentemente, ao bairro.

Diante dos impasses e dificuldades encontradas para estruturar e concretizar a proposta em questão, a falta de professores especialistas em Agroecologia no IFRS e a necessidade de buscar espaços de prática em docência aos pós-graduandos do PGDR/UFRGS, surgiu a parceria entre as instituições federais no primeiro semestre do Curso Técnico em Agroecologia, a fim de concretizar as disciplinas de Introdução à Agroecologia em territórios rurais e urbanos (60h/aula) e Vivências e Práticas Agroecológicas I (100h/aula), cuja descrição dessa experiência é o objeto de estudo do presente trabalho.

QUANDO A UFRGS SE ENCONTRA COM A RESTINGA: UMA CONSTRUÇÃO COLABORATIVA

Diante da citada parceria construída com a UFRGS, quatro pós-graduandas do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) dessa universidade participaram do quadro técnico inicial de professores especialistas na área de Agroecologia, sob supervisão de professor universitário do PGDR, além da professora e também coordenadora do curso técnico em Agroecologia no IFRS, contribuindo, inclusive, na construção das ementas das disciplinas específicas iniciais, com escuta dos técnicos do IFRS e de lideranças comunitárias do bairro, em reuniões com esses representantes.

Cabe frisar aqui que um semestre antes da prática docente das referidas pós-graduandas do PGDR, foi necessário o estudo e planejamento prévio da inserção delas no IFRS como professoras colaboradoras. Para tanto, participaram como alunas no PGDR da disciplina de Reflexão e Planejamento da Docência, ministrada por seis professores de diferentes áreas da UFRGS, e sob o tema articulador Desenvolvimento e Segurança Alimentar e Nutricional no Rural, integrado a diferentes eixos temáticos e que contou com a participação, em alguns encontros da disciplina, dos coordenadores de cursos articulados na proposta de parceria PGDR/UFRGS, IFRS e UERGS (Universidades Estaduais do Rio Grande do Sul). Tais coordenadores convidados puderam apresentar a realidade de seus cursos, dificuldades enfrentadas e agravadas nos últimos anos no ensino público dos IFs e das UERGs, necessidades de parcerias para fortalecimento, bem

como obtiveram retorno de disponibilidade de alunos de pós-graduação com experiência nas áreas em questão e discussão sobre as condições de parceria com a UFRGS, de forma a criar uma rede de colaboração para suprir as necessidades e as carências de profissionais técnicos na área.

As disciplinas ministradas pela equipe correspondiam ao eixo específico da Agroecologia do 1º semestre: Introdução à Agroecologia em territórios rurais e urbanos (60h/aula) e Vivências e Práticas Agroecológicas I (100h/aula), resumidamente descritas a seguir:

Introdução à Agroecologia em territórios rurais e urbanos

A Agroecologia como ciência multidisciplinar cujos princípios, análises e metodologias pretendem construir um estilo de agricultura de base ecológica e sedimentada no desenho de agroecossistemas sustentáveis. Trajetória pessoal, comunitária e territorial. História da agricultura: modernização e industrialização da agricultura; revolução verde e seus impactos.

Objetivo Geral: compreender os modos de vida e as bases científicas da Agroecologia e dos agroecossistemas.

Objetivos Específicos: compartilhar ferramentas teóricas, metodológicas e empíricas para atuar nos múltiplos cenários acadêmicos e profissionais que compreendam a origem e o enfoque agroecológico no âmbito rural e urbano; incentivar a análise holística dos contextos e dos territórios na construção de agroecossistemas sustentáveis que garantam segurança alimentar e nutricional; diagnosticar e planejar sistemas agroecológicos baseados nos recursos locais.

Vivências e Práticas Agroecológicas I

Introdução ao contato com a realidade do exercício profissional do Técnico em Agroecologia e com as técnicas de produção orgânica. Conhecer e interagir com as técnicas de produção orgânica, avaliando os diferentes aspectos positivos e negativos da sua rotina diária. Compreensão da lógica de funcionamento, análise e diagnóstico da unidade de produção. Identificar aspectos culturais, sociais, econômicos, produtivos, familiares da atividade de produção agroecológica

Objetivo Geral: proporcionar experiências vivenciais e práticas oriundas da Agroecologia.

Objetivos Específicos: refletir sobre o contexto rural e urbano, buscando identificar os elementos integradores e suas potencialidades nos arranjos agroecológicos; proporcionar as ferramentas metodológicas e vivências para a realização de diagnósticos agroecológicos; compreender e praticar as diferentes formas de produção agroecológica sob o contexto da agricultura urbana; conhecer e praticar técnicas de produção orgânica discutindo a relação que tem com a implementação de uma alimentação saudável e nutritiva.

Foi estudado o perfil dos primeiros alunos selecionados para o curso e levantado um diagnóstico simples em relação a idade, lugar de nascimento, filhos, ocupação, trajetória escolar, relação com o território, contato com o entorno rural ou urbano e, por fim, as expectativas dos alunos a respeito do curso técnico de Agroecologia, através das fichas de inscrição, entrevista de seleção com critérios de demandas sociais, e posterior oficina de sensibilização e apresentação da turma.

O acesso ao Curso Técnico em Agroecologia Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos é destinado aos portadores do certificado de conclusão do Ensino Fundamental, ou equivalente, maiores de 18 (dezoito) anos, e que ainda não tenham completado o Ensino Médio. O ingresso do curso ocorreu em conformidade com a legislação vigente, a Política de Ações Afirmativas e a Política de Ingresso Discente do IFRS. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2017)

A turma era muito diversa em idade, tempo de afastamento do ambiente acadêmico, conhecimentos e vivências com o rural. A maioria dos alunos tinha interesse por finalizar o ensino médio e não propriamente pela Agroecologia. Tinha-se então a oportunidade de construir esse vínculo com o tema e responsabilidade em garantir condições que evitassem a evasão escolar na turma. Considerando a heterogeneidade da turma e que para muitos alunos aquele era o primeiro contato com o mundo rural, essas primeiras disciplinas seriam consideradas as mobilizadoras e motivadoras iniciais para o tema da Agroecologia e o trabalho nas práticas agrícolas.

Dessa forma, as disciplinas foram compostas pelos eixos que dialogavam entre teorias debatidas e práticas de campo:

- Processo de construção, no qual os estudantes e a comunidade puderam socializar conhecimentos sobre a sua história e a história da fundação da Restinga;
- Princípios de Agroecologia, no qual puderam estudar os princípios básicos para a agricultura: água, solo, ar e nutrientes;
- Transição agroecológica, no qual conheceram os processos e práticas para agriculturas mais sustentáveis e;
- Povos, comunidades e Segurança alimentar e Nutricional (SAN) no campo e na cidade, quando foi possível estabelecer relações entre a produção de alimentos saudáveis e a alimentação saudável.

METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS E FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS

A proposta de utilização de metodologias participativas e ferramentas pedagógicas adequadas ao curso Proeja foram trabalhadas ao longo do semestre anterior pelas docentes pós-graduandas na disciplina de “Desenvolvimento e Segurança Alimentar e Nutricional no Rural: Práticas de Ensino Integradas à Extensão e Pesquisa”. O objetivo da disciplina é apoiar processos reflexivos e analíticos sobre o contexto empírico dos territórios articulados ao desenvolvimento local e à SAN, bem como fornecer instrumental teórico, metodológico e didático para a construção de disciplinas que se constituem nos eixos temáticos, articuladas ao tema integrador e aos contextos empíricos locais. Em sintonia com o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do Curso Técnico em Agroecologia do IFRS *Campus* Restinga (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2017), a proposta inicial se deu à luz da Pedagogia Freireana (FREIRE, 1985), orientada na relação de ensino e aprendizagem dialógica e questionadora:

Assim, a categoria de reconhecimento, que estrutura o discurso dialético (HEGEL, 1992), bem como todas as formas dialógicas (GADAMER, 1998) de organizar o conhecimento e a comunicação, deve organizar

todo o processo de ensino e aprendizagem, pois não começamos episodicamente, nem jamais encerramos a trajetória de aprendizagem, que é um processo criativo e inteligente, integrado ao mundo e agente modificador da realidade. Da mesma forma, essa estrutura dialética, base lógica do dialógico, pressupõe os contextos de vida em que os sujeitos da educação estão inseridos (HABERMAS, 1987). Por isso, a educação agroecológica, emancipatória e comprometida com a cidadania e com a construção da qualidade social da vida, deve necessariamente ser contextualizada, buscando compreender e superar as contradições, de forma dialógica e em busca da justiça social. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2017, p. 38)

Foram dados os primeiros passos na construção coletiva pela equipe docente da ementa das disciplinas (objetivos, procedimentos didáticos, avaliação, conteúdo e cronograma), através de reuniões regulares entre as pós-graduandas, os docentes da disciplina orientadora na UFRGS, a coordenação do curso no IFRS, bem como servidores envolvidos no curso Proeja, bolsistas monitores e lideranças comunitárias, com registros em documentos e fotos.

Diante dessa estrutura e proposta metodológica de didática ativa e educação popular, foram planejadas ferramentas e técnicas específicas e flexíveis, descritas em planos de aula. Utilizou-se das técnicas de tempestade de ideias e mapas mentais colaborativos, bem como a proposta de interação entre as duas disciplinas ministradas, divididas nos módulos anteriormente apresentados.

Temas geradores foram propostos, com abordagem problematizadora de questões socioeconômicas, comunitárias e ambientais locais. (CADERNO..., 2016; CRUZ et al, 2014) A escuta ativa foi exercitada a fim de um direcionamento, integração e aprofundamento nos debates, com construção de Linha de Tempo com os alunos, com as bases históricas comunitárias e territoriais, exposição fotográfica dos quintais da Restinga e horta desenvolvida pelos alunos em curso. Ainda, a proposta de transformação da realidade através da técnica do Arco de Maguerez possibilitou o exercício da observação contínua da realidade, readaptando os

conteúdos de cada módulo. (BERBEL, 1999; COLOMBO; BERBEL, 2007; METODOLOGIAS..., 2016)

Oficinas de sensibilização foram destacadas para os primeiros encontros dos temas geradores, com tempestade de perguntas e ideias, dinâmicas em grupo, recursos audiovisuais etc. Foram realizados diagnósticos e planejamentos participativos, a exemplo das técnicas “árvore em curso – expectativas e compromissos”, linha do tempo comunitária, quadro “comida no tempo dos avós, pais e filhos”, planejamento coletivo da disposição da horta no terreno disponível, entre outras. (WEITZMAN, 2008)

Rodas de conversa foram conduzidas através da pedagogia da pergunta, em temas como História da Comunidade, Mulheres e Agroecologia, Comida de Verdade etc. (FREIRE; FAUNDEZ, 1985; BRASIL, 2012b) A presença de lideranças comunitárias da Restinga e convidados de outras regiões e países contribuiu na multiplicidade de olhares nas discussões propostas.

O reconhecimento do campo, bem como práticas de observação foram propostas diante da possibilidade para estimular a visão proposta de agroecologia em curso. Mutirões e saída de campo na Zona Sul de Porto Alegre também buscaram propiciar aos alunos o contato com a terra e perspectiva agroecológica de produção. As aulas referentes ao componente alimentar e nutricional contaram com degustação de receitas tradicionais e produtos agroecológicos relacionados à temática do dia.

As aulas expositivas foram acompanhadas de mídias digitais, como filmes e animações, fotografias, músicas, além dos resumos apresentados, dossiês e textos eletrônicos complementares. Os alunos frequentaram os laboratórios de informática para elaboração de materiais e cumpriram atividades virtuais via correio eletrônico. Houve ainda a participação dos alunos em eventos externos ao IFRS, como presença em seminário na Assembleia Legislativa do RS e roda de conversa no PGDR/UFRGS, parceiro do curso.

As atividades de campo foram realizadas com o intuito de dialogar com conhecimentos prévios abordados em sala de aula, transformando um espaço do *campus* Restinga, antes abandonado e aterrado, em laboratório-horta agroecológico, mantido pelos alunos e exposta à comunidade da Restinga ao final do semestre, em atividade cultural e comemorativa. O desafio técnico consistiu em melhorar as características físicas, químicas

e biológicas do solo, pois a área disponível era produto de um aterro com restos de construção. Trabalhos de preparo do solo e incorporação de matéria orgânica foram as tarefas iniciais para estabelecer um número considerável de mudas de frutíferas doadas por diferentes entidades.

Como processo avaliativo das disciplinas, levou-se em consideração a participação e interação em sala ao longo do semestre, apresentação de miniseminários em grupos, registro de diários de campo da horta e a mostra final dos trabalhos do semestre. Esta foi exibida em exposição aberta à comunidade escolar durante o último sábado letivo, com cartazes/banners, sementes e mudas dispostos em estruturas de material reciclado construídas pelos alunos junto à horta. Essas atividades tiveram suas notas distribuídas em pesos por módulo temático trabalhado na disciplina, de forma que houvesse uma diversidade de atividades e possibilidade de grupos a apoiar a heterogeneidade em sala de aula, dificuldades socioeconômicas já citadas, enfrentadas em diferentes níveis e momentos pelos alunos e evitasse a evasão escolar, seguindo também os preceitos do PPC, para se extrair uma média final e frequência escolar mínima para aprovação, a saber: “A avaliação deverá ser contínua e cumulativa, assumindo, de forma integrada, no processo ensino-aprendizagem, as funções diagnóstica, processual, formativa, somativa, emancipatória e participativa, com preponderância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos”. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2017, p. 107)

Vale frisar que em processo democrático de eleição interna entre os alunos, uma das docentes colaboradoras pós-graduandas foi eleita como representante docente da turma para as reuniões de Colegiado do Curso, que conforme o PPC do curso:

O Colegiado do Curso é um espaço normativo e consultivo, que tem por finalidade acompanhar a implementação do PPC, avaliar alterações dos currículos plenos, discutir temas ligados ao curso, planejar e avaliar as atividades acadêmicas do curso, observando-se as políticas e normas do IFRS, observar os relatórios de autoavaliação institucional e de avaliação externa para a tomada de decisões em relação ao planejamento e ao desenvolvimento de suas atividades, analisar e refletir

sobre o andamento do curso, visando ao aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2017, p. 118)

Esta inserção permitiu a discussão em outras instâncias dos processos avaliativos e diferentes realidades enfrentadas pelos alunos ao longo do semestre. E também foi possibilitada pela discussão frequente em sala de aula das dificuldades pessoais e sociais enfrentadas no contexto complexo da comunidade e de um curso Proeja noturno, administrado com outras atividades pessoais e profissionais no contexto já descrito.

EXPERIÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

A seguir é apresentada a descrição de experiências de ensino-aprendizagem em Segurança Alimentar e Nutricional, em especial no módulo final, referente a essa temática específica, ligada a Agroecologia e contextualizada neste ambiente social.

Iniciado o último módulo do semestre, referente à Cultura Alimentar e Fortalecimento da Soberania Alimentar na Agroecologia, foi escolhido um filme que dialogasse com questões culturais e periféricas, alimentares e agricultura urbana, em forma de pequeno documentário de ficção, com duração que atendesse à característica de curso noturno e muitos alunos trabalharem durante o dia.

O documentário/ficção *Apart Horta* (2015, 55min) é um filme que trata do cultivo urbano e orgânico de alimentos e da transformação de um condomínio pela interação em busca da alimentação saudável, cultivo de alimentos e busca de conexões com a natureza e a vizinhança. O filme se encaixava na proposta da aula Cultivando Alimentos, de sensibilização e introdução ao tema do último módulo, inclusive pelos relatos verídicos de experiências de hortas comunitárias intercalados à proposta de ficção. Foi disponibilizado pela diretora para exibição pública mediante prévios contato e autorização. Anteriormente à exibição em aula, o filme foi assistido algumas vezes pelas docentes pós-graduandas como planejamento da aula, a fim de identificar questões a serem discutidas com os alunos.

Ciente do desconforto de assistir a um filme em cadeiras escolares e das condições físicas dos alunos após mais um dia inteiro de trabalho, houve diálogo com os alunos na chegada da sala quanto ao interesse e disposição deles, bem como duração do filme e escolha dentro da proposta. Estando de acordo com a atividade, circulou entre a turma sementes de milho ecológico para pipoca, despertando a curiosidade de uma variedade desconhecida para eles. Um dos alunos questionou: “*Professora, desse milho aqui também sai pipoca? Sério?*” Foi feita pipoca na cozinha do IF, levada em saquinhos a pipoca ecológica para todos. O filme transcorreu entre sorrisos e comentários. Ao final, uma aluna comentou: “*Já acabou, professora? Quando o filme é bom, a gente nem vê passar!*” E foi criada uma roda de conversa.

Os alunos tomaram nota durante o filme para discutir o que achassem pertinente quanto ao tema da aula. Surgiram questões sobre hábitos alimentares, cultura alimentar, reconexões entre pessoas através da natureza e comida, relação campo-cidade e migração, cooperação e transformação social, alimentação saudável e comensalidade, origem dos alimentos, agricultura urbana agroecológica e comunitária, papéis de gênero do filme, pensar oposições do filme (campo-cidade, moderno-atrasado, casa-rua, natural-industrializado, trabalho-lazer, homem-mulher).

Quando questionados sobre o propósito da diretora em escolher narrar a história de uma mulher negra, nordestina que se muda para a grande São Paulo, um dos alunos responde imediatamente: “*Para acabar com a hegemonia do homem branco na agricultura!*”. Importante saber que o *Campus* Restinga do IFRS dispõe de um Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), um espaço acadêmico que estimula o debate das relações étnico-raciais na sociedade brasileira, de interface com a comunidade, no qual são realizadas atividades programadas – estudos e pesquisas, documentação e produção de textos. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2017)

Também chamou a atenção dos alunos a autonomia de quem planta e cozinha sua própria comida, os pequenos espaços aproveitados pelas personagens no plantio urbano, o interesse de plantar para ter suas próprias sementes, a mudança de estilo de vida para uma alimentação mais saudável diante da experiência de uma doença, a preocupação em não

perder as raízes culturais e hábitos diante de migrações e pressões sociais, a importância do trabalho comunitário e diálogo entre os vizinhos, o simbolismo do comer acompanhado, com tranquilidade, o reconhecimento do plantio da horta como um trabalho, gerador de prazer, autoconhecimento, autonomia e possível renda.

Abaixo, algumas perguntas geradas a partir do filme e discussão com a turma:

- A comida e as plantas podem fazer uma revolução na gente?
- Saber o que você come e de onde vem o alimento é importante?
- Por que nossos hábitos mudam? E as conexões com as pessoas também?

De volta do intervalo da aula, foi proposta aos alunos a construção de três colunas no quadro branco, que deveria conter os alimentos mais consumidos desde o tempo dos avós, dos pais até os dias de hoje. O roteiro anterior de debate e perguntas a seguir puderam auxiliar na reflexão sobre as mudanças alimentares e memória dos participantes durante o levantamento.

- Quais eram os alimentos que seus avós comiam?
- Quais eram os alimentos que sua mãe e seu pai comiam?
- Quais eram os alimentos que você comia quando criança?
- E o que você come hoje em dia? Houve mudanças? Quando aconteceram?
- Quem cuidava da alimentação no tempo dos seus avós? E no tempo dos seus pais?
- Você percebe diferenças entre a sua alimentação hoje e a alimentação nos tempos de seus avós, de seus pais e quando era criança?
- Por que existem estas diferenças?
- Por que deixamos de consumir alguns alimentos ao longo do tempo?
- É importante recuperá-los? Quais alimentos devem ser reincorporados em nossa dieta de hoje?

A disposição da temporalidade em colunas e não em “linha do tempo” otimizou o tempo disponível para a atividade e proporcionou um comparativo entre gerações dos alimentos/preparações que permaneceram, sofreram alterações ou mesmo se perderam dentro do histórico familiar, novos hábitos e um possível hibridismo alimentar.

Foram debatidos pontos como: a mulher e o trabalho fora de casa, o tempo de preparo das comidas tradicionais e sabor, a conveniência

do *fast food*, a saudabilidade da comida feita em casa, tentando iniciar o questionamento a respeito dos determinantes sociais da alimentação. Ao longo da discussão, receitas também foram trocadas, inclusive de pratos desconhecidos por muitos, mas que fazem parte do hábito familiar de alguns deles, trazidos de outras regiões ou de épocas mais remotas, mostrando a diversidade alimentar dum grupo comunitário.

Ao final da aula, foi feito o convite aos alunos para participar da Roda de Diálogo Alimentos Saudáveis para o Campo e a Cidade: A Agricultura Urbana, realizado no *campus* do centro da UFRGS, na sede do PGDR. A sensibilização para o tema da conexão entre alimentação e agricultura foi um motivador para a grande adesão dos alunos ao encontro, com espaço para relato da experiência de ensino-aprendizagem pela turma e coordenadora do curso. Atividades como estas, conectando a realidade da comunidade, trajetória, histórico e potencialidades com o debate em outras arenas de discussão e instituições, também ampliam contatos entre espaços acadêmicos e experiências de hortas urbanas, coletivas e agroecológicas em outras regiões da cidade.

PARA ALÉM DOS MUROS INSTITUCIONAIS: COMUNIDADE RESTINGA

A construção coletiva da proposta e implementação de um curso técnico em agroecologia, com horário noturno, seleção por demanda social e modalidade Proeja, junto com a comunidade da Restinga deu suporte a expansão de suas potencialidades, ampliou vozes, empoderou sujeitos e sujeitas e articulou novas conexões, não só com instituições estaduais e federais, mas também locais, com o envolvimento dos alunos do curso técnico em projetos escolares da própria comunidade, organização de eventos do IFRS de portas abertas, criação de feira ecológica no instituto e constante troca de saberes com agricultores de bairros vizinhos, na área rural de Porto Alegre.

Importante destacar que o curso tem se constituído como articulador dos múltiplos sujeitos e iniciativas que buscam fortalecer a produção e consumo de alimentos nutritivos e saudáveis da Zona Sul e Extremo Sul de Porto Alegre. Ainda, o protagonismo da comunidade escolar na

transformação dessas práticas se configura em mais um passo na tentativa de construção de identidade comunitária e busca por autonomia na garantia da SAN. (BURKHAR, 2000; LEÃO, 2013) Através da articulação dessa comunidade escolar, foi instalada uma feira agroecológica semanal dentro do *campus*, em parceria com uma associação de produtores agroecológicos do bairro vizinho, que costumam percorrer maiores distâncias para oferecer seus produtos em feiras em áreas centrais da cidade.

Pensar a agroecologia a partir desta multiplicidade nos levou a um movimento singular e potente. A experiência segue seu curso. Entretanto, os acontecimentos políticos no Brasil após o golpe parlamentar de 2016 trouxeram inúmeras dúvidas e inquietações em relação ao futuro do Proeja no âmbito dos Institutos Federais. (SILVA, 2019) Não sendo diferente a realidade enfrentada pelo IFRS *campus* Restinga, após sucessivos cortes do governo federal no cenário atual, o Instituto teve obras essenciais adiadas, risco de paralisação de aulas por interrupção de serviços básicos e redução do valor de bolsas de estudo, incluindo auxílios sociais estudantis.

Os retrocessos em cortes orçamentários contínuos fragilizam as políticas sociais de redução da fome, da miséria, da pobreza e da promoção da SAN. (VASCONCELOS et al., 2019) Ainda como ataque à SAN e a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, a Medida Provisória nº 870 (BRASIL, 2019), além de tentar extinguir o Conselho Nacional de SAN (Consea) – importante espaço em que os titulares de direito, muitas vezes invisibilizados, têm voz e influenciam as políticas públicas –, representa uma afronta à democracia e um retrocesso social. (CASTRO, 2019) Defender as conquistas da sociedade civil e a democratização dos espaços públicos torna-se prioridade nesse processo de busca pela autonomia e SAN.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vulnerabilidade e insegurança alimentar e nutricional vivenciada pela população brasileira, coloca em uma posição comprometedoras às instituições de educação, cujas ações de ensino e extensão podem vir a construir conjuntamente com a sociedade soluções a estas problemáticas. O fato de que a atuação profissional do Técnico em Agroecologia tenha como pilar a agroecologia com foco no direito instituído pela Lei Orgânica de SAN

(que cria o Sistema Nacional de SAN, bem como a Política Nacional de SAN, com vistas a assegurar o direito humano à alimentação saudável e de qualidade), e a Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica do RS; e de que um programa de pós-graduação em desenvolvimento rural possibilite as práticas em docência com um curso como este, visibilizam um caminho em direção da busca por autonomia na garantia da SAN, para uma comunidade periurbana e com características particulares como a comunidade da Restinga.

REFERÊNCIAS

- APART HORTA. Direção: Cecília Engels. Roteiro: Cecília Engels. Intérpretes: Ângela Correa, Sidney Santiago. Brasil: Plano Astral Filmes, 2015. 1 DVD (55 min).
- BERBEL, N. *Metodologia da problematização: fundamentos e aplicações*. Londrina: Ed. UEL, 1999.
- BORNSTEIN, V. J.; ALENCAR, A.; LEANDRO, B. B. S. *et al.* (org.). *Guia do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2016.
- BRASIL. Medida Provisória nº 870, de 1 de janeiro de 2019. Estabelece a organização básica dos órgãos da Presidência da República e dos Ministérios. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 1 jan. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Conheça a história e as ações do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja)*, Brasília, DF, 2012a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/proeja>. Acesso em: 6 ago. 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Universidade Federal de Minas Gerais. *Instrutivo: metodologia de trabalho em grupos para ações de alimentação e nutrição na atenção básica*. Brasília, DF: Ministério da Saúde; Belo Horizonte: UFMG, 2016.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. *Marco de referência da educação alimentar e nutricional para as políticas públicas*, Brasília, DF, 2012b.
- BURKHAR, G. *Tomar a vida nas próprias mãos: como trabalhar uma própria biografia o conhecimento das leis gerais do desenvolvimento humano*. São Paulo: Antroposófica, 2000.
- CADERNO Metodológico para formação de multiplicadores em SAN e DHAAS. Brasília, DF: RAIS, 2016.

- CASTRO, I. R. R. A extinção do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional e a agenda de alimentação e nutrição. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 1-4, 2019.
- COLOMBO, A.; BERBEL, N. A metodologia da problematização com o Arco de Maguerez e sua relação com os saberes de professores. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 28, n. 2, p. 121-146, 2007.
- CRUZ, P. S. C.; VASCONCELOS, A. C. C. P.; SOUSA, L. M. P. *et al.* (org.). *Educação Popular e Nutricional Social: reflexões e vivências com base em uma experiência*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2014.
- FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- LEÃO, M. (org.). *O direito humano à alimentação adequada e o sistema nacional de segurança alimentar e nutricional*. Brasília, DF: Abrandh, 2013.
- METODOLOGIAS participativas para ações de educação alimentar e nutricional: apostila do curso. Brasília, DF: [s. n.], 2016.
- NUNES, M. K. *Restinga, memória dos bairros*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1990.
- OBSERVAPOA. Observatório da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre, [2019]. Disponível em: <http://www.observapoa.com.br>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- QUADROS, M. S.; MEINERZ, A.; SANFELICE, D. *et al.* Entre margens e ancestralidades: o processo de construção coletiva do Curso Técnico de Agroecologia do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Restinga. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM AGROLOGIA, 2., 2017, Seropédica. *Anais [...]*. Seropédica: SNEA, 2017. p. 1-14.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. *Projeto político pedagógico do curso técnico em agroecologia*. Porto Alegre, 2017.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. Nota à Comunidade: corte de 30% do orçamento inviabiliza atividades no IFRS. *IFRS*, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/nota-a-comunidade-corte-de-30-do-orcamento-inviabiliza-atividades-no-ifrs/>. Acesso em: 6 ago. 2019.
- SANTOS, F.; TANSCHKEIT, T. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. *Colombia Internacional*, Bogotá, n. 99, p. 151-186, 2019.

SILVA, A. L. O Proeja nos Institutos Federais: desafios atuais. *Ensino em Foco*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://publicacoes.ifba.edu.br/index.php/ensinoemfoco/article/view/441>. Acesso em: 6 ago. 2019.

VASCONCELOS, F. A. G.; MACHADO, M. L.; MEDEIROS, M. T. *et al.* Políticas públicas de alimentação e nutrição do Brasil: de Lula a Temer. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 32, p. 1-13, 2019.

WEITZMAN, R. *Educação popular em segurança alimentar e nutricional: uma metodologia de formação com enfoque de gênero*. Belo Horizonte: Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, 2008.